

FUNDAMENTOS ONTOLÓGICOS DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Fernanda Ferreira Cadoso¹; Mayris da Paz Lima²; Ciro de Oliveira Bezerra³

1- Universidade Federal de Alagoas/UFAL, Maceió. fernandaferreiracardosoffc@gmail.com

2- Universidade Federal de Alagoas/UFAL, Maceió. mayris_paz@hotmail.com

3- Universidade Federal de Alagoas/UFAL, Maceió. Ciro.ufal@gmail.com

Resumo

A apropriação dos conhecimentos objetivos, portanto, a atividade de estudar, desencadeia três aspectos na vida de todo e qualquer ser humano: a socialização, o enriquecimento da força de trabalho e o desenvolvimento das virtudes intelectuais que constituem habitus e disposição psicossocial, diretamente implicada na formação da personalidade dos sujeitos pedagógicos. A teleologia, nexos ou séries causais e elaboração dos meios, são os componentes dessa dialética que constituem os fundamentos ontológicos do trabalho humano e, inclusive, do trabalho pedagógico. Nossa tese é que não é possível elaborar nada sem o saber, e o saber educa, então ele é imanente à didática do trabalho, imanente ao componente elaboração dos meios. Portanto, o saber, a formação humana, está no trabalho. A autonomia do saber, a conformação do complexo social da educação, pelo o que tudo indica, se expressou na antiguidade clássica, nos séculos IV, V e VI. As condições de possibilidade sociogeohistórica do trabalho pedagógico foram possíveis pela produção de excedente e criação de tempo livre em que o ser humano passou a se ocupar, dentre muitas coisas, com os saberes existentes, sua socialização, produção e conservação. O percurso geohistórico do trabalho pedagógico promoveu um “salto ontológico” quando conquistou a forma de filosofia e depois à forma ciência. Essas formas, também são manifestações concretas dos meios mobilizados pelo trabalho pedagógico. O conteúdo da forma filosófica, da forma ciência, da forma poesia é o trabalho pedagógico. Nossas pesquisas têm como objetivo ampliar e fundamentar esta tese que tem no trabalho pedagógico sua categoria fundamental.

Palavras-chave: formação humana; apropriação de conhecimentos; dialética do trabalho.

Introdução

Na segunda metade do século XX teve origem na educação brasileira um campo novo de investigação. Trata-se das pesquisas sobre a relação entre educação e trabalho. Depois investida a ordem categorial, por Gaudêncio Frigotto, para trabalho e educação. Este campo de investigação é uma reação crítica à disciplina economia da educação em voga nos Estados norte-americanos, fundado nas teorias neoclássicas e liberais da economia. Os aportes teóricos da Economia da Educação encontram-se na disciplina microeconômica.

O campo de investigação trabalho e educação se fortaleceu em dois sentidos: com a crítica à teoria do capital humano de Alfred Schütz (1973) e a crítica a qualificação profissional dissociada da formação propedêutica. Esse campo de investigação consolidou-se, no Brasil, com a isenção nos currículos dos cursos de licenciatura em pedagogia da disciplina trabalho e educação, a criação da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPED) e, nesta, do grupo de estudo em trabalho e educação.

As reflexões sobre a relação trabalho e educação são pertinentes para estudar, sobretudo, o ensino médio; momento em que a juventude propriamente dita, é posta numa encruzilhada: fazer um curso técnico e profissional para se inserir no mercado de trabalho ou prestar exames para se inserir nas universidades públicas? Estudar para trabalhar, dado as condições precárias da reprodução material da família, e mesmo do desejo consumista mobilizado pelos meios de comunicação de massa, ou estudar em universidades postergando a inserção no mercado de trabalho?

O pressuposto que alimenta todas as pesquisas do campo trabalho e educação é o seguinte: primeiro é necessário estudar, se qualificar, para ser mais produtivo no trabalho. A escolarização do trabalhador é o pressuposto para o enriquecimento empresarial. A escola, portanto, é o que qualifica o trabalhador para contribuir para o desenvolvimento e crescimento econômico. Esta é a diferença básica entre os países europeus, os estados norte-americanos e o Brasil.

Esta tese que noticia praticamente todas as pesquisas sobre as relações entre trabalho e educação ignora um fato fundamental: estudar e trabalhar. O trabalho de estudar é o que nomeamos de trabalho pedagógico. Professores e estudantes, que objetivam produzir, socializar e apropriar conhecimentos. Portanto, o objetivo do trabalho pedagógico é o conhecimento. Com isto, desfazemo-nos de dois mitos que estruturam o pensamento educacional brasileiro: que o objeto da educação é o estudante, porque a atividade essencial é o ensino; e, em decorrência disto, o conhecimento é imanente ao corpo do professor. Afirmamos que os conhecimentos estão nos trabalhos acadêmicos e livros didáticos, e é muito mais do que no ensino, os sujeitos pedagógicos desenvolvem seu intelecto, e é, sua inteligência estudando, exercendo o trabalho pedagógico. E mais, a qualidade na educação, o ensino de qualidade, é determinado pelo número de horas dedicado ao estudo e a pesquisa. Temos então uma hipótese a comprovar: a dominação das “elites do atraso”, de índole escravocrata, apenas é possível, somente se, a escolarização negar ou impedir, de todas as formas, que professores e estudantes pesquisem e estudem. E é isto que realmente ocorre não apenas na educação brasileira, mas em todos os países que foram colonizados por meio da escravidão dos povos.

Há um fato legitimador de todo esse processo educacional, que nega as classes populares a conquista de conhecimentos por meio do estudo e da pesquisa: a profissionalização e a ética ontológica que lhe dá sustentação. A questão fundamental é

justamente esta: o desejo em ser profissional escraviza as classes trabalhadoras para se inserirem no mercado de trabalho. E pela profissionalização essas classes fazem-se algozes de si mesmas; auto escravizam-se. A subalternização das classes trabalhadoras às “elites do atraso” é consentida. A subserviência e reprodução da escravização dos trabalhadores são possíveis com a ideologia da profissionalização. O sistema educacional brasileiro anulou a condição intelectual do professor, a autoridade e identidade desta forma social, quando assimilou a categoria profissional da educação.

Para contribuir para a crítica a todo esse processo social que sustenta os pilares da escravização no Brasil e abrir uma nova fresta no campo de pesquisa das relações entre trabalho e educação, importa analisar os fundamentos ontológicos do trabalho pedagógico: socialização, o enriquecimento e as virtudes.

Metodologia

O procedimento que vem nos orientando nossas pesquisas, pelo menos até aqui, é a revisão bibliográfica. Entre os pesquisadores que mais têm contribuído com a revisão de literatura encontra-se Alda Judith Alves (1992 e 2000) e o professor Ciro Bezerra (2017, 2016 e 2015). Em que sentido a revisão bibliográfica contribui nas pesquisas socioeducacionais?

Bem, no interessante artigo de Alda Judith Alves (1992), intitulado “A revisão bibliográfica” em Teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis, na página 54, é indicado algumas pesquisas sobre a qualidade dos trabalhos acadêmicos. Estas pesquisas, realizadas por Almeida (1977) e Castro e Holmesland (1984), têm apontado mais fragilidade do que virtudes nos trabalhos acadêmicos realizados.

A pesquisa de Almeida, por exemplo, comprovou que “70 % das revisões bibliográficas se situaram nos níveis regular e sofrível, tendo como sido também dentre os aspectos avaliados, o mais frequentemente como péssimo”. O que tem determinado está fragilidade nas pesquisas educacionais brasileiras, para Alves (1992, p.54) é “a má qualidade da revisão de literatura”. É isto que, para Alda Judith Alves tem “comprometido todo estudo”; porque a revisão bibliográfica “não se construí em uma seção isolada, mas, ao contrário, tem por objetivo iluminar o caminho a ser trilhado pelos pesquisadores, desde a definição do problema até a interpretação dos resultados”. (Ibidem).

É por considerar a pertinência desta postulação de Alves, acerca da revisão bibliográfica, que ela se impôs para nós como alcançar um mínimo de qualidade. Como então fazer revisão

bibliográfica? As orientações metodológicas são utilizadas? Que sugestões são indicadas por Alves?

Apesar da revisão bibliográfica ser de vital importância para determinar “a contextualização do problema dentro da área de estudo; a construção do referencial ou fundamentação teórica e estar a serviço; não podemos esquecer que a revisão bibliográfica contribui na construção do objeto de pesquisa. Apesar de toda esta relevância da revisão bibliográfica, Alda Judith Alves nos “oferece apenas orientações gerais”. (ALVES, 1992, p.54).

Ora, todos nós sabemos os limites metodológicos das “orientações gerais”. Elas contribuem muito pouco na resolução de problemas práticos e ou concretos. Sobretudo quando temos a orientação de realizar pesquisas socioeducativas de boa qualidade. A sugestão de Alves frustrou nossas expectativas dado o título de seu artigo: “se não se pode especificar como deve ser (feita) uma revisão da literatura, é possível mostrar o que deve ser evitado” (ALVES, 1992, p.54).

Foi em função de preencher essa lacuna, se colocar do” que deve ser evitado” para” como deve ser (feita) uma revisão da literatura”, para garantir a qualidade e excelência da revisão bibliográfica, que o grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana vem esforçando-se em formular o método da literatura imanente.

Os procedimentos do método da leitura imanente foram propostos pelo professor Ciro Bezerra (2007, 2016a e 2016b) e compreendem, sistematicamente, os seguintes passos:

1. Decomposição dos trabalhos acadêmicos (livros, teses, dissertações, artigos) e livros didáticos em unidades significativas: categorias, conceitos, ideias e glossário; e Unidades Epistemológicas: objetivos, justificativas, métodos, fundamentos e referências teóricas, hipóteses, tese, postulados, proposições, entre outros componentes da pesquisa socioeducativa. A identificação dessas unidades significativas pressupõe a realização do Diálogo Crítico. O diálogo crítico com o autor é a leitura atenta e o registro sistemático das unidades significativas encontradas em cada frase, período, parágrafo. Neste diálogo também se identifica e registra os diversos significados das palavras que conhecemos;
2. O Diálogo Crítico não apenas é um processo de decomposição, mas de recomposição por meio do diálogo e comentários das proposições e postulados. O que gera uma série de efeitos nos sujeitos pedagógicos: sentimentos gerados pelas descobertas; frustrações geradas

pela ignorância e dificuldade de compreensão; imaginação; rejeição do texto provocado pela falta de concentração, entre outros atos falhos no estudo e na leitura. Tudo isso deve ser registrado como Diário Etnográfico;

3. Concomitante ao Dialogo Crítico constrói-se o Mapa das Unidades Significativas e O Mapa das Unidades Epistemológicas, já explicados no item 1.

4. Depois disto, fechamos e guardamos todo esse material e, sem consulta, elaboramos um texto sobre o que estudamos, contendo: introdução, desenvolvimento e conclusão. Este momento da leitura imanente é nomeado pelo professor Ciro Bezerra, como Interpretação Compreensiva.

Foi usando o método da Leitura Imanente, como método de revisão de literatura, que vimos realizando nossos estudos sobre o trabalho pedagógico no âmbito do campo de pesquisa Trabalho e Educação e seus fundamentos ontológicos.

Resultados e Discussões

Foi utilizando o método de Leitura Imanente como revisão de literatura acerca da relação trabalho e educação e da categoria trabalho pedagógico que chegamos aos resultados sobre os fundamentos ontológicos do trabalho pedagógico: socialização, enriquecimento e virtude, exposta no volume I e II, Estudo e Virtude: a formação de si no mundo com os outros e as contradições na educação brasileira; escrito pelo professor Ciro Bezerra (2017, mimeografado)

Socialização

O trabalho Pedagógico implica na socialização de todo e qualquer ser humano: à cultura existente, ao éthos, a internalização de valores. A socialização pelo trabalho pedagógico dota o ser humano de uma capacidade de representar simbolicamente o mundo, criando, com isso, uma, linguagem do mundo. Isto potencializa a capacidade do ser humano intervir no mundo de forma conseguinte e muito mais qualificado. Porque permite-o sistematizar racionalmente suas ações: planejar, controlar, medir, avaliar os resultados decorrentes, as palavras, mais do que tudo, permitem o ser humano operacionalizar pensamentos e ideias.

As linguagens acerca do mundo representam o mundo em códigos. E esta codificação se materializa na filosofia e nas ciências. Mas o ser humano pode também criar linguagem abstratas e metafísicas, sem estar referenciada diretamente no mundo. Pode também criar uma

linguagem das linguagens do mundo, as teorias. Existe acerca das ciências humanas, exatas e naturais. As ciências são, então, linguagem do mundo. Portanto, a população de cientistas, professores e estudantes de todos os continentes quando ingressam nas escolas e universidades para estudar o objetivo é a socialização de cada uma e cada mundo humano. O que o professor **Ciro Bezerra (2017)** propõe é que a socialização é um dos fundamentos ontológicos do trabalho pedagógico.

Enriquecimento

O trabalho pedagógico além de socializar o ser humano também o enriquece por lhe agregar valor pela apropriação de conhecimentos. Portanto, conhecimento é riqueza. Com a aquisição de conhecimentos o ser humano aprende a dar forma à natureza. Dar forma a natureza significativa adquirir a capacidade de criar comodidade para a existência e a conservação social.

Mas onde se encontra o conhecimento? Ele se encontra disponíveis ao ser humano de duas formas: nas atividades cotidianas ou experiências empíricas e fundamentais para as relações interpessoais, nos grupos e intergrupais; e nos atos do trabalho. Em outros termos, o saber humano está no fazer humano. E por uma simples razão: absolutamente ninguém pode fazer qualquer coisa sem saber, embora possa não saber dito. Isto é uma condição ontológica do saber humano.

Conhecimentos diferentes enriquecem os seres humanos de diferentes formas. Os conhecimentos imanentes aos atos de trabalho são mais valorizados, sobretudo na modernidade, porque ele determina a criação de excedente econômico. E o excedente econômico cria tempo livre no qual o ser humano pode ocupar de atividades muita mais prazer do que as atividades físicas. Por exemplo, é no tempo livre que o ser humano pode ocupar-se com as artes, a poesia, o estudo e a pesquisa. E, com isso, a cultura, mobilizando e mantida por um tipo de trabalho particular, o trabalho intelectual. O enriquecimento, portanto, sempre de acordo com o professor **Ciro Bezerra (2017)** é, também, um componente ontológico do trabalho pedagógico.

Virtude

As atividades que dão sentido ao trabalho pedagógico são o estudo e a pesquisa. Mas essas atividades, para serem vividas integralmente, exigem que os seres humanos sejam livres. E é a apropriação de conhecimentos, objetivo do estudo e pesquisa, exige um tempo

socialmente necessário. Exige mais, que os seres humanos tenham se libertado do mundo das preocupações materiais-cotidianas para poder concentrarem-se.

O estudo e a pesquisa é uma forma de trabalho singular. Para Pierre Hadot (2016a, 2016b e 2004) denomina esse trabalho de “trabalho de si, em si, por si”. Nós também consideramos que o estudo e a pesquisa sejam uma forma de labor cujo objeto é o próprio ser humano. No estudo e na pesquisa, sobretudo aquelas realizadas no âmbito das Ciências Humanas, humanizam o ser humano.

Muitos são aqueles que têm chamado a atenção para esta dimensão do trabalho pedagógico (VENTURA, 2008; P. HADOT, 2016^a, 2016S e 2004; SÊNECA, 2004, e muitos outros). Na verdade é uma perspectiva marcada fortemente pela filosofia antiga. Considerando as filosofias antigas, sobretudo o estoicismo e o epicurismo, o professor Ciro Bezerra (2017) propõe o estudo e a pesquisa como técnica de si e/ ou exercício espiritual.

Reconstruído e repensado o estudo e a pesquisa como técnica de si é possível conceber o trabalho pedagógico como política, organização das atividades concorrentes em uma cidade e priorizar o estudo e a pesquisa como atividade de escrever como atividade artística, praticada pelas mãos, como é prático o trabalho de qualquer artesão.

Como política, portanto, o estudo é capaz de desenvolver a seus praticantes o governo de si, de suas vidas e conquistar para viver e a tranquilidade da alma. Além do estudo funcionar como terapia contra ansiedade gerada por políticas governamentais para reproduzir o sistema, como a política do consumismo. O trabalho pedagógico promove as virtudes do ser humano, aumenta sua autoestima, autovalorização, *status* da autoridade intelectual, fortalece o governo de si contra o governo dos outros. Enfim, liberta o ser humano da escravidão do trabalho assalarição e da dominação por via da personificação de formas sociais que docilizam e o subjugam. A virtude é, também ela, em termos dos componentes antológicos do trabalho pedagógico.

Conclusões

A revisão bibliográfica do livro Estudo e Virtude do livro Estudo e Virtude do Professor Ciro Bezerra (2017) permite o acesso a um conjunto de reflexões sobre a relação trabalho e educação, que os permite reconceituar a categoria trabalho pedagógico, a partir dos fundamentos ontológicos desta categoria: a socialização, o enriquecimento e as virtudes que ele promove em sua dinâmica.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, RISOLETA- **Avaliação das teses de mestrado na área de educação no Estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de mestrado. Mimeografado, 1977.

ALVES, Alda Judith. **A “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis.** IN: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Nº 81, pp. 5360, maio, 1992.

AVELINO, DENIS E BEZERRA, Ciro- **Território e educação: Análise crítica das principais contribuições do observatório das metrópoles:** Maceió: GRUPO DE estudo SOCIOLOGIA DO trabalho (pedagógico), currículo e Formação Humana e Grupo de Estudo Milton Santos: Mimeografados, 2015.

_. BEZERRA, Ciro- **Estudo e Virtude. Volume I e Parte I: A formação de si no mundo com os outros e as contradições na educação brasileira; Volume II, parte II: Crítica a economia Política do Trabalho Pedagógico; Volume III: A amizade como princípio educativo do trabalho pedagógico em pesquisa.** Maceió: Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho (Pedagógico), Currículo e Formação Humana e Grupos de Estudo Milton Santos. Mimeografados, 2017.

CASTRO, Marta L.S e HOLMESLAND, Içara S.- **A revisão de literatura nas dissertações de mestrado da PUC IRS.** Educação, Nº 8, p.94-116, 1994.

_. **Conhecimento, Riqueza e Política: Um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci** Maceió: EDUFAL, 2009.

HADOT P, - **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga.** São Paulo, Brasil, 1995.

_. **Geografia do Capital: Desenvolvimento Territorial, Educação do Campo e Políticas Públicas.** Relatório de Pós- doutorado em Geografia Agrária. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, presidente, Brasil 2013.

_. **Professores Desacorrentados na Cé(lu)La de Aula ou Formação de Si: Um Método de Resistir e Emancipar.** Maceió: Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho (pedagógico), Currículo e Formação Humana. Mimeografados, 2016.